



## APRESENTAÇÃO

# A AFIRMAÇÃO DA CRIATIVIDADE DA SOCIOLOGIA EM TEMPOS INCERTOS

---

**Julia Polessa Maçaira<sup>1</sup>**

Para estarem preparados para os papéis intelectuais que serão chamados a cumprir, os cientistas sociais brasileiros não devem circunscrever sua imaginação científica e sua contribuição criadora às possibilidades incertas do momento atual.

Florestan Fernandes, 2021 [1962], p. 268

A epígrafe escolhida para a apresentação deste número da CABECS foi extraída do discurso “A sociologia como afirmação” proferido por Florestan Fernandes na abertura do II Congresso Brasileiro de Sociologia, em 1962, recentemente republicado, e o trecho destacado é fonte de inspiração em múltiplos sentidos. Em primeiro lugar, porque nos lembra que a incerteza não é uma singularidade do nosso tempo presente e, portanto, não devemos duvidar da capacidade formulativa de respostas criativas das ciências sociais para as tragédias e ataques, não só no Brasil, aos quais são submetidas sistematicamente.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UFRJ, Doutora em Sociologia, Coordenadora do Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes - LabES UFRJ. E-mail: [juliamacaira@gmail.com](mailto:juliamacaira@gmail.com).

Em segundo lugar, porque indica a importância do papel dos cientistas sociais na sociedade brasileira de ontem, de hoje e de amanhã, revelando, assim, que não devemos esmorecer diante de situações adversas.

No dia 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela Organização Mundial de Saúde como uma pandemia<sup>2</sup> e, desde então, após longos 18 meses, estamos vivendo uma crise sanitária, política e social sem precedentes na história da humanidade com mais de 4 milhões de mortos em decorrência das complicações provocadas pelo vírus SARS-COV-2. No Brasil, a situação é ainda mais trágica, pois chegamos à triste marca de mais de 550 mil mortos por essa doença com o agravante de estarmos sendo governados por um presidente sem liturgia e sem competência para o cargo, desrespeitando e desprezando vidas humanas e a ciência, disseminando informações de “tratamento precoce” sem comprovação científica, atrasando a compra de vacinas, ações que, somadas, nos coloca na lista dos três países com o maior índice de óbitos nesta pandemia.

Foi nessa conjuntura que esse número da CABECS foi preparado. Autoras e autores dedicaram tempo para escrever os artigos e relatos, submetê-los à avaliação de pares da comissão científica da revista, reescrevê-los, modificá-los e revisá-los para que os editores pudessem organizá-los nessa edição que você, leitor, tem em mãos agora. A maioria dos autores aqui são também professores da educação básica e do ensino superior, enfrentando um dos maiores desafios de nossas carreiras: a adaptação para o ensino remoto e o acirramento das desigualdades sociais nas esferas escolares e universitárias, devido ao acesso desigual à internet e às condições necessárias de estudo em meio à pandemia e aos muitos lutos por ela provocados. Além disso, no plano das políticas públicas educacionais, estamos acompanhando a implementação da Reforma do Ensino Médio que, promulgada em 2017, teve sua materialização em dois momentos recentes muito significativos: 1. A reorganização do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) em cinco objetos, instituindo livros por áreas de conhecimento e não

---

<sup>2</sup> <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>, acesso dia 26 de julho de 2021.

mais por componentes curriculares; e, 2. A publicação das matrizes curriculares estaduais visando atender as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Para um(a) profissional da educação, pesquisar e sistematizar seus dados e reflexões em uma produção de divulgação científica, em meio às medidas de isolamento social, ensino remoto, conciliação entre trabalho e vida familiar, e as preocupações com o destino da sociologia como disciplina escolar frente ao quadro da conjuntura política educacional, acima apenas brevemente mencionado, não é tarefa fácil. Portanto, este número é saudado como uma vitória individual e coletiva de todos os envolvidos.

Este número está composto por dois relatos de experiência, quatro artigos e uma entrevista, envolvendo doze pesquisadores, com representação equânime de gênero (6 homens e 6 mulheres), oriundos das regiões Sul (RS e SC), Sudeste (RJ) e Nordeste (AL, CE e MA) do Brasil.

Na seção de relatos de experiência, **Maikon Bueno**, mestrando em educação na Unisinos e licenciado em ciências sociais pela UFFS, relata sua experiência no planejamento e execução da oficina “Decifra-me ou devoro-te”, no estilo “tribunal de júri”. Desenvolvida em uma escola pública estadual noturna localizada no município de Erechim, no Rio Grande do Sul, a experiência envolveu alunos do Ensino Médio, professores da escola, licenciandos de ciências sociais e o próprio autor que, há época era bolsista do Programa de Residência Pedagógica da CAPES. A oficina foi organizada em três atos: 1. Apresentação dos réus e seus respectivos crimes; 2. Explanação das equipes de defesa e de acusação; 3. Deliberação e sentença dos júris. O diferencial desse relato está no fato de que os três crimes cometidos pelos réus aconteceram de verdade e o autor contou com colegas que puderam entrar ao fim do 3º ato encenando as situações. Assim, foi possível cotejar os vereditos reais com os vereditos dos júris simulados na escola, suscitando o debate de questões éticas e problematizando análises superficiais de notícias e julgamentos prévios baseados em estereótipos.

A professora da UFF, **Mariele Troiano** apresenta um relato da experiência de ensino remoto da disciplina Práticas de Pesquisa em Ciências Sociais I, ofertada para estudantes do 1º ano do curso de bacharelado em ciências sociais no *campus*

da UFF na cidade de Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro. Devido à pandemia de COVID-19 e ao necessário isolamento social para evitar a propagação da Covid-19, a disciplina não pode ser ministrada presencialmente, portanto a autora relata os desafios de manter a proposta do curso a partir de encontros síncronos em plataformas de conferência virtual e de atividades assíncronas. Troiano destaca a metodologia de ensino dialógica como ferramenta para o estabelecimento de um aprendizado horizontal, a partir da concepção da pesquisa como uma construção coletiva. Foram convidados professores pesquisadores da sociologia, da antropologia e da ciência política, de diferentes instituições e também distintos níveis de pesquisa (de graduandos a pós-doutores). A disciplina organizou-se em torno de quatro principais questões: 1. Tema e problema de pesquisa; 2. Objetivos e justificativa; 3. Metodologia e métodos de pesquisa; 4. Resultados e divulgação científica. Os convidados partiram de suas temáticas de pesquisa enfatizando aspectos generalizáveis para outras situações e temas. Além dos encontros síncronos, foram elaboradas quatro atividades assíncronas nas quais os estudantes foram levados a redigir: temas e questões de pesquisa; e-mail para interlocutores de pesquisa a serem entrevistados; descrição de possível caminho de pesquisa e seus prováveis obstáculos; redação de uma reflexão sobre o slogan da 73ª SBPC “Todas as ciências são humanas e essenciais à sociedade”.

Na seção de artigos, **Cristiano das Neves Bodart** e **Caio dos Santos Tavares**, respectivamente professor e mestrando da UFAL, analisam as pesquisas sobre a história do ensino de sociologia que adotaram a perspectiva da teoria disposicionalista. Valendo-se de revisão da literatura e da utilização das técnicas de amostragem não-probabilística “bola de neve” e de levantamento bibliométrico, os autores encontraram 17 trabalhos, no escopo delimitado, explicitamente adotando a perspectiva disposicionalista como base teórica, sendo enquadrada no interior das teorias da ação de sociólogos como Max Weber, Pierre Bourdieu, Norbert Elias e Bernard Lahire. Os autores indicam que já é possível identificar o desenvolvimento de uma sociologia histórica do ensino de sociologia, ancorada

especialmente nos conceitos e categorias de campo social, *habitus*, senso prático, capitais simbólicos (social, econômico e cultural) e *conatus*, com destaque para as obras de Bourdieu e Lahire como referenciais teóricos.

**Joana da Costa Macedo** e **Ana Martina Engerroff**, respectivamente, professora doutora de sociologia na rede estadual do Rio de Janeiro e doutoranda em sociologia e política na UFSC, analisam seis trabalhos que foram apresentados no Grupo de Discussões “A ciência política e o ensino das ciências sociais” no IV Congresso da ABECS, realizado de forma virtual em 2020. A primeira seção do artigo é dedicada a comentar o processo de configuração da ciência política como uma área de conhecimento, sua relação com as fronteiras disciplinares das ciências sociais e as questões relativas a sua autonomização. Em seguida, os trabalhos apresentados no GD foram agrupados em dois blocos: currículo e metodologia, constatando-se que a ciência política é majoritariamente tratada como questão transversal, por meio de temas como direitos humanos e masculinidade tóxica (Lei Maria da Penha). As autoras concluem afirmando que a participação da ciência política no subcampo do ensino de sociologia ainda é tímida e que, portanto, há espaço para o desenvolvimento de pesquisas voltadas para entender o lugar que a ciência política ocupa no seio da sociologia escolar, indicando a potencialidade das legislações, diretrizes curriculares e livros didáticos como fontes privilegiadas para tal fim.

Em seu artigo, **Daniel Mocelin**, professor da UFRGS, apresenta os resultados de uma pesquisa sobre os usos dos livros didáticos de sociologia para 54 professores, lecionando a disciplina em 47 escolas de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A amostra da pesquisa compreendeu 28 professores licenciados em ciências sociais e 26 com outras formações, atuando majoritariamente em escolas públicas (apenas 8 lecionavam na rede privada). O estudo foi empreendido considerando duas perguntas norteadoras: 1. A formação do docente impacta os usos (ou não usos) dos livros didáticos?; e 2. A concepção pedagógica do professor interfere na forma como ele utiliza os livros? Na análise dos dados, o autor categorizou as

concepções pedagógicas em três tipos de currículo: pragmático, enciclopédico e espontaneísta. Mocelin conclui que “os professores que mais usam os livros didáticos junto aos alunos e os aplicam em aula são aqueles que adotam uma concepção pragmática de currículo na disciplina de Sociologia no ensino médio, independente da sua formação ser ou não na área” (MOCELIN, 2021). Na amostra pesquisada, constatou-se que o livro didático não é usado como “bengala” pelos professores não licenciados em ciências sociais, pelo contrário, os professores não formados identificam os livros didáticos como de difícil linguagem e quando o utilizam é para sua própria leitura e preparação das aulas. Importante destacar a relevância desse tipo de pesquisa e seu ineditismo, somando-se às escassas pesquisas sobre o uso do livro didático empreendida por Lais Celis Merissi em sua dissertação de mestrado no PROFSOCIO da UFPR defendida em 2020 e a monografia de especialização de Carla de Paula Canuto defendida em 2018.

A sessão de artigos é concluída com o texto de **Amanda Gomes Pereira, Lucas Oliveira dos Santos e Gizele Oliveira dos Santos**, apresentando reflexões sobre gênero, representatividade e educação como prática transformadora a partir da experiência do Projeto de Ensino Foco Acadêmico, da Universidade Federal do Maranhão, intitulado: “Cinema e Educação: linguagens, mídias sociais e *performances* no ensino de sociologia na rede pública de São Bernardo/Ma”. Os autores destacam a força de metodologias alternativas para o ensino de sociologia capazes de “traduzir” os conteúdos do ensino superior para a linguagem do ensino médio e também a prática pedagógica promotora do protagonismo discente, tanto de licenciandos, quanto de alunos da educação básica. O texto detalha a experiência de utilização do livro “Eu sou Malala: como uma garota defendeu o direito à educação e mudou o mundo”, da ativista paquistanesa Malala Yousafzai, com estudantes de um colégio estadual do município de São Bernardo cujo contato com livros se resumia à Bíblia, na maioria dos casos.

Finalizando este número, apresentamos a entrevista, realizada por Thiago Ingrassia Pereira, com **Danyelle Nilin Gonçalves** professora associada da

Universidade Federal do Ceará, coordenadora nacional do mestrado profissional de sociologia em rede nacional (PROFSOCIO), coordenadora de área do PIBID Sociologia/UFC, integrante da comissão de ensino da SBS e coordenadora do comitê de pesquisa ensino de sociologia da SBS. Nesta entrevista, Danyelle apresenta sua formação na área de ciências sociais, refletindo sobre seu interesse pelo ensino de sociologia, destacando as principais contribuições e inovações do PROFSOCIO no qual, até dezembro de 2020, haviam sido defendidos 136 trabalhos de conclusão (TCC) do mestrado profissional em rede nacional. Ela ainda destaca os principais temas e abordagens dos TCCs vinculados às linhas de pesquisa “Educação, escola e sociedade” e “Práticas de ensino e conteúdos curriculares”. Pereira também a indaga sobre os principais desafios que a Reforma do Ensino Médio e a BNCC apresentam à disciplina de sociologia, bem como procura saber qual a apreciação Gonçalves faz da organização profissional e científica da área de ensino de ciências sociais/sociologia.

Destacam-se o compartilhamento de práticas pedagógicas inovadoras para o ensino de ciências sociais/ sociologia na educação básica e no ensino superior, enfocando o que Florestan Fernandes havia identificado ainda no século passado como uma herança intelectual “desfavorável e limitativa: o padrão brasileiro de ensino superior resiste tenazmente à modernização das técnicas pedagógicas, à utilização da pesquisa como recurso sistemático de aprendizagem e à incentivação de atitudes críticas entre os alunos” (FERNANDES, 2021, p. 269). Espera-se com este número de CABECS contribuir para instigar pesquisadoras e pesquisadores a perseverarem na docência, na pesquisa e na investigação de práticas pedagógicas inventivas que busquem diminuir o fosso das desigualdades escolares tão abissais e absurdas ainda existentes e persistentes em nosso país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANUTO, Carla de Paula. *Usos do Livro Didático de Sociologia por professores de Duque de Caxias/RJ*. Monografia de Especialização. Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica (CESPEB). UFRJ, 2018.

FERNANDES, Florestan. A sociologia como afirmação. *Revista Brasileira de Sociologia*. RBS, Vol. 09, n. 21, p. 260-293, jan-abril, 2021.

MERISSI, Lais Celis. *Referência e ferramenta: Usos do livro didático pelo professor de sociologia*. Dissertação de Mestrado Profissional. Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, 2020.

MOCELIN, Daniel Gustavo. O livro didático pelos professores: Uso e aplicação nas aulas de Sociologia em Porto Alegre. *Revista CABECS*, vol.5, n.1, jan-jun, 2021.

## COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO

MAÇAIRA, Julia Polessa. Apresentação: A afirmação da criatividade da Sociologia em tempos incertos. *Revista Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*. CABECS, v.5, n. 1, p.05-12, 2021.